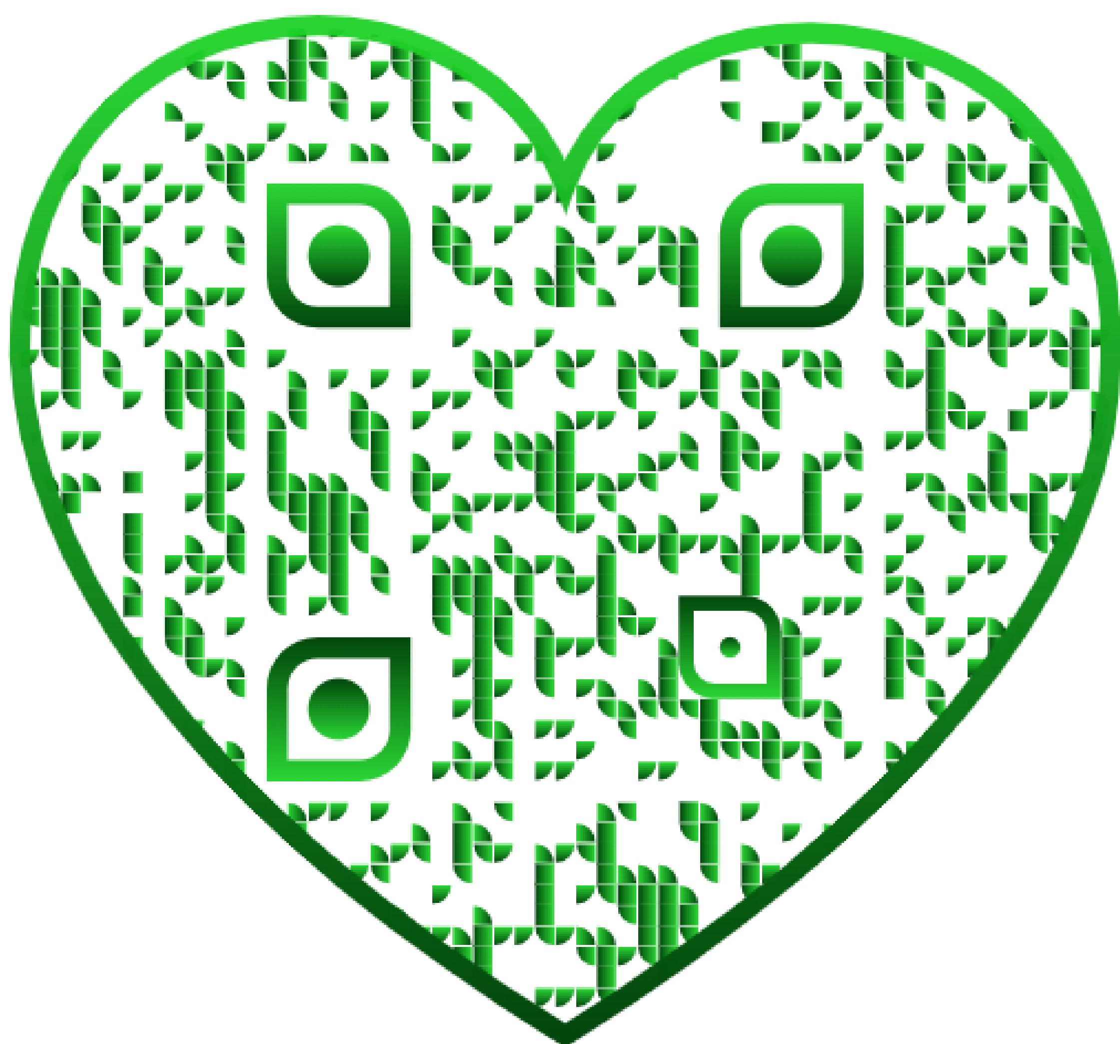
Biblioteca
Virtualbooks



# UM FRATRICÍDIO

## Franz Kafka

Tradução de
SILVEIRA DE SOUZA

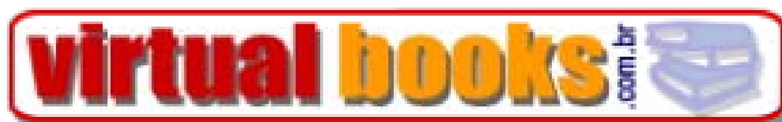




**Edição especial para distribuição gratuita pela Internet, através da Virtualbooks.**

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

**Sobre os Direitos Autorais:**
Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.




**www.virtualbooks.com.br/**

Copyright© 2000/2003 Virtualbooks
**Virtual Books Online M&M Editores Ltda.**
**Rua Benedito Valadares, 429 – centro**
**35660-000 Pará de Minas - MG**
Todos os direitos reservados. All rights reserved.



# UM FRATRICÍDIO

## Tradução de
## SILVEIRA DE SOUZA

Ficou demonstrado que um assassinato aconteceu do seguinte modo:

Schmar, o assassino, por volta das nove horas de uma noite enluarada, posiciona-se na esquina daquela rua pela qual Wese, a vítima, ao sair de seu escritório, na rua paralela, terá de dobrar, a caminho de sua casa.

O ar da noite é de um frio cortante. Schmar, entretanto, usa uma leve roupa azul, além de trazer o casaco desabotoado. Ele não sente frio nenhum, mantém-se sempre em movimento. A sua arma para o crime, meio-termo entre baioneta e faca de cozinha, ele a segura firme pelo cabo, inteiramente a descoberto. Examina-a à luz da lua, a lâmina da faca cintila, mas isso não é o suficiente para Schmar; esfrega-a com força na calçada, provocando faíscas; talvez tenha se arrependido disso e, para reparar o ato, passa-a como um arco de violino na sola da bota, enquanto inclinado para a frente, com uma perna levantada, fica simultaneamente a escutar com atenção o som da faca sobre a bota e algum som premonitório que viesse da rua.

Por que o cidadão Pallas, que olhava tudo de sua janela, no segundo andar, bem próximo dali, permitiu que tudo acontecesse? Indague ao mistério da natureza humana! Com a gola levantada, o roupão bem atado em torno da barriga volumosa, sacudindo a cabeça, ele olha para baixo.

E cinco casas adiante, no lado oposto da rua, a senhora Wese, o abrigo de pele de raposa sobre a camisola, espia a vinda do marido, que hoje, fora de seus hábitos, está demorando a chegar.

Finalmente soa a campainha da porta do escritório de Wese, som demasiado alto para uma campainha de porta, que percute sobre a cidade na direção dos céus, e Wese, o diligente trabalhador noturno, sai dali para sua casa, ainda invisível naquela rua, apenas anunciado pelo som da campainha; a seguir o calçamento registra os seus passos calmos.

Pallas espicha-se um pouco mais para fora; não deve perder nada. A senhora Wese, tranqüilizada pelo som da campainha, fecha ruidosamente a janela. Schmar, no entanto, ajoelha-se curvado; como não tem naquele instante outras partes do corpo descobertas, pressiona só o rosto e as mãos contra a calçada; enquanto tudo mais está gelado, Schmar arde.

Precisamente no limite de separação das ruas, Wese se detém, apenas escorando a bengala na calçada da rua seguinte. Um capricho. O céu noturno o seduziu, o azul escuro e o dourado. Sem saber de nada, olha para o alto; sem saber de nada, ergue o chapéu e alisa os cabelos; nada encontra no alto que mostre um sinal do futuro que o aguarda; tudo permanece no seu absurdo, inescrutável lugar. A rigor, é bastante lógico que Wese siga adiante; porém ele segue na direção da faca de Schmar.

"Wese!", grita Schmar, ficando na ponta dos pés, o braço estendido, a faca afiada para baixo, em posição. "Wese! É em vão que Júlia espera por ti!" E à direita no pescoço e à esquerda no pescoço e a terceira vez fundo no ventre desfere Schmar os seus golpes. Ratos da água, quando feridos, lançam sons semelhantes aos de Wese.

"Está feito", diz Schmar e atira a já supérflua faca suja de sangue para a frente da casa mais próxima. "Bem-aventurança do assassinato! Alívio, alado êxtase ante o escorrer do sangue alheio! Wese, velha sombra noturna, amigo, companheiro de cervejaria, estás esvaindo-te no escuro chão desta rua. Por que não és simplesmente uma bexiga cheia de sangue, para que eu possa sentar sobre ti e desmanchar-te de uma vez por todas? Nem tudo se realiza, nem todos os sonhos em botão floresceram, teus sólidos restos ainda jazem aqui, insensíveis a qualquer pontapé. Que tola resposta deve ser dada à pergunta que agora representas?"

Pallas, sufocando toda a peçonha em seu corpo, surge de corpo inteiro, abrindo a porta de duas folhas de sua casa. "Schmar! Schmar! Eu vi tudo, nada deixei escapar." Pallas e Schmar se defrontam. Pallas dá-se por satisfeito, Schmar não demonstra nada.

A senhora Wese, com uma multidão de cada lado, avança apressada com o rosto envelhecido pela choque. O abrigo de pele se

abre, ela se joga sobre Wese, aquele corpo vestido de camisola pertence a ele. O abrigo de pele que se estende sobre o casal, como a relva num túmulo, pertence à multidão.

Schmar, contendo com esforço sua última náusea, pressiona a boca sobre o ombro do policial, que o leva rapidamente dali.

***********

## ORIGINAL EM ALEMÃO

# Ein Brudermord

Es ist erwiesen, daß der Mord auf folgende Weise erfolgte:
Schmar, der Mörder, stellte sich gegen neun Uhr abends in der mondklaren Nacht an jener Straßenecke auf, wo Wese, das Opfer, aus der Gasse, in welcher sein Bureau lag, in jene Gasse einbiegen mußte, in der er wohnte.
Kalte, jeden durchschauernde Nachtluft. Aber Schmar hatte nur ein dünnes blaues Kleid angezogen; das Röckchen war überdies aufgeknöpft. Er fühlte keine Kälte; auch war er immerfort in Bewegung. Seine Mordwaffe, halb Bajonett, halb Küchenmesser, hielt er ganz bloßgelegt immer fest im Griff. Betrachtete das Messer gegen das Mondlicht; die Schneide blitzte auf; nicht genug für Schmar; er hieb mit ihr gegen die Backsteine des Pflasters, daß es Funken gab; bereute es vielleicht; und um den Schaden gut zu machen, strich er mit ihr violinbogenartig über seine Stiefelsohle, während er, auf einem Bein stehend, vorgebeugt, gleichzeitig dem Klang des Messers an seinem Stiefel, gleichzeitig in die schicksalsvolle Seitengasse lauschte.

Warum duldete das alles der Private Pallas, der in der Nähe aus seinem Fenster im zweiten Stockwerk alles beobachtete? Ergründe die Menschennatur! Mit hochgeschlagenem Kragen, den Schlafrock um den weiten Leib gegürtet, kopfschüttelnd, blickte er hinab.
Und fünf Häuser weiter, ihm schräg gegenüber, sah Frau Wese, den Fuchspelz über ihrem Nachthemd, nach ihrem Manne aus, der heute ungewöhnlich lange zögerte.
Endlich ertönt die Türglocke vor Weses Bureau, zu laut für eine Türglocke, über die Stadt hin, zum Himmel auf, und Wese, der fleißige Nachtarbeiter, tritt dort, in dieser Gasse noch unsichtbar, nur durch das Glockenzeichen angekündigt, aus dem Haus; gleich zählt das Pflaster seine ruhigen Schritte.
Pallas beugt sich weit hervor; er darf nichts versäumen. Frau Wese schließt, beruhigt durch die Glocke, klirrend ihr Fenster. Schmar aber kniet nieder; da er augenblicklich keine anderen Blößen hat, drückt er nur Gesicht und Hände gegen die Steine; wo alles friert, glüht Schmar.
Gerade an der Grenze, welche die Gassen scheidet, bleibt Wese stehen, nur mit dem Stock stützt er sich in die jenseitige Gasse. Eine Laune. Der Nachthimmel hat ihn angelockt, das Dunkelblaue und das Goldene. Unwissend blickt er es an, unwissend streicht er das Haar unter dem gelüpften Hut; nichts rückt dort oben zusammen, um ihm die allernächste Zukunft anzuzeigen; alles bleibt an seinem unsinnigen, unerforschlichen Platz. An und für sich sehr vernünftig, daß Wese weitergeht, aber er geht ins Messer des Schmar.
"Wese!" schreit Schmar, auf den Fußspitzen stehend, den Arm aufgereckt, das Messer scharf gesenkt, "Wese! Vergebens wartet Julia! " Und rechts in den Hals und links in den Hals und drittens tief in den Bauch sticht Schmar. Wasserratten, aufgeschlitzt, geben einen ähnlichen Laut von sich wie Wese.
"Getan", sagt Schmar und wirft das Messer, den überflüssigen blutigen Ballast, gegen die nächste Hausfront. "Seligkeit des Mordes! Erleichterung, Beflügelung durch das Fließen des fremden Blutes! Wese, alter Nachtschatten, Freund, Bierbankgenosse, versickerst im dunklen Straßengrund. Warum bist du nicht einfach eine mit Blut gefüllte Blase, daß ich mich auf dich setzte und du verschwändest ganz und gar. Nicht alles wird erfüllt, nicht alle Blütenträume reiften, dein schwerer Rest liegt hier, schon unzugänglich jedem Tritt. Was soll die stumme Frage, die du damit stellst?"
Pallas, alles Gift durcheinander würgend in seinem Leib, steht in seiner zweiflügelig aufspringenden Haustür. "Schmar! Schmar! Alles bemerkt, nichts übersehen. " Pallas und Schmar prüfen einander. Pallas befriedigt's, Schmar kommt zu keinem Ende.
Frau Wese mit einer Volksmenge zu ihren beiden Seiten eilt mit vor Schrecken ganz gealtertem Gesicht herbei. Der Pelz öffnet sich, sie stürzt über Wese, der nachthemdbekleidete Körper gehört ihm, der über dem Ehepaar sich wie der Rasen eines Grabes schließende Pelz gehört der Menge.

Schmar, mit Mühe die letzte Übelkeit verbeißend, den Mund an die Schulter des Schutzmannes gedrückt, der leichtfüßig ihn davonführt.

***********

# Sobre o autor



**Franz Kafka**

Nasceu em Praga a 3 de julho de 1883, cidade que durante todos os 35 anos da vida do escritor pertenceu à monarquia austro-húngara. Filho de um abastado comerciante judeu, Kafka cresceu sob as influências de três culturas: a judia, a tcheca e a alemã.

Filho de uma típica família judeu classe média, da qual escolheu como ícone seu pai, um comerciante autoritário, cuja figura patriarcal ficou associada, na cabeça do escritor, até o final de sua vida, a de um gigante, ao mesmo tempo fascinante e desprezível. *Carta ao Pai*, escrito em 1919, é um longo desabafo em que Kafka responsabiliza o pai (que é claro, nunca recebeu a tal carta) por sua incapacidade de viver, casar e amar como os outros. Escolherá a literatura para tentar exorcizar esse fantasma.

Em 1914 o escritor tcheco Franz Kafka, em seu livro, "O Processo", narrou a história de um bancário, Joseph K., que, ao acordar, é preso por policiais sem motivos declarados. O personagem parte para uma busca, durante toda obra, a fim de descobrir o motivo pelo qual estava sendo levado a julgamento.

Em vida, lançou *A Metamorfose* (1915), *Carta a meu Pai* e *Na Colônia Penal*, ambos de 1919, mas sem muita repercussão.

Depois de morto, seu amigo Max Brod patrocinou as edições de *O Processo* (1925) e *O Castelo* (1926), seus principais romances, bem como o restante da obra kafkiana.

* * * * * * * *

## Sobre o tradutor



João Paulo **SILVEIRA DE SOUZA** nasceu em Florianópolis, SC, em 1933. Começou cedo suas atividades culturais em SC. Na década de 50 passou a integrar o Círculo de Arte Moderna, mais conhecido como Grupo Sul, movimento que trouxe o Modernismo para Santa Catarina. Também nessa década participou de atividades teatrais, integrando como diretor do grupo teatral TESC (Teatro Experimental de SC); e dirigiu o mensário de literatura e arte *Roteiro.*

De 60 a 70, foi professor de matemática no Instituto Estadual de Educação e Escola Técnica Federal de SC, em Florianópolis. Dirigiu de 71 a 76, a Divisão de Informação e Divulgação do Departamento de Extensão Cultural da UFSC. Em 79, passou a trabalhar no setor de editoração da Fundação Catarinense de Cultura, onde coordenou as Edições FCC e dirigiu as publicações: Boi-de-Mamão (79 a 81); Cadernos da Cultura Catarinense (84-85) e Escritores Catarinenses, série de fascículos (90-91). Atualmente aposentado do serviço público, dedica-se a trabalhos de editoração eletrônica e projetos gráficos de livros. É membro da Academia Catarinense de Letras.

**LIVROS PUBLICADOS**

- O VIGIA E A CIDADE (contos), Florianópolis, SC, 1960;

- UMA VOZ NA PRAÇA (contos), Florianópolis, 1962;
- QUATRO ALAMEDAS, Porto Alegre, RS, 1976;
- OS PEQUENOS DESENCONTROS (crônicas), Florianópolis, 1977;
- O CAVALO EM CHAMAS (contos), São Paulo, SP, 1981;
- CANÁRIO DE ASSOBIO (crônicas), Florianópolis, 1985;
- HYBRIS (poesia e prosa), Florianópolis, 1989;
- UM ÔNIBUS E QUATRO DESTINOS (romance, em parceria com Francisco José Pereira e Holdemar Menezes), Porto Alegre, 1994;
- RUMOR DE FOLHAS (poemas), Florianópolis, 1966;
- RELATOS ESCOLHIDOS (contos), Florianópolis, 1998;
- TROLOLÓ PARA FLAUTA E CAVAQUINHO (crônicas), em parceria com Flávio José Cardozo, Florianópolis, 1999.